

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ  
CAMPUS ALEXANDRE ALVES DE OLIVEIRA  
LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

SÉRGIO LUIZ DA SILVA MENDES

**DE ARTIGOS A POESIAS MARGINAIS: A IMPRENSA ALTERNATIVA  
PARNAIBANA DA DÉCADA DE 1970.**

PARNAÍBA -- PI  
2010

Ficha Catalográfica elaborada pela Bibliotecária  
Christiane Maria Montenegro Sá Lins CRB/3 - 952

F538a

MENDES, Sérgio Luiz da Silva

De Artigos a Poesias Marginais: a imprensa alternativa  
parnaibana da década de 1970/ Sérgio Luiz da Silva Mendes. –  
Parnaíba: UESPI / Universidade Estadual do Piauí, 2010.

46 f.

Orientador: Msc. Idelmar Gomes Cavalcante Júnior

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) – Universidade  
Estadual do Piauí, UESPI, Curso de Licenciatura Plena em  
História, 2010.

1. Imprensa – Parnaíba – História. I. Cavalcante Júnior,  
Idelmar Gomes. II. Universidade Estadual do Piauí. III. Título

CDD 079.812 1

SÉRGIO LUIZ DA SILVA MENDES

**DE ARTIGOS A POESIAS MARGINAIS: A IMPRENSA ALTERNATIVA  
PARNAIBANA, DA DÉCADA DE 1970**

Monografia apresentada à banca examinadora do curso de Licenciatura Plena em História da Universidade Estadual do Piauí – UESPI, como pré-requisito para obtenção do Título de Licenciado em História.

APROVADO EM: \_\_\_/\_\_\_/2010

---

Presidente da Banca  
Idelmar Gomes Cavalcante Júnior  
Orientador Específico

---

Professora Examinadora  
Ivanilda Sá

---

Professor Examinador  
Valdinar Filho

Dedico a minha família, em especial a minha mãe, que além de ser uma pessoa maravilhosa ainda faz a minha janta, a minha esposa Eline Falcão, e a esta força maravilhosa a quem todos denominam de Deus.

Agradeço primeiramente a Deus, por nos conceder o dom da vida; a minha família que sem sombra de dúvidas foi, é, e será sempre meu porto seguro; a minha digníssima esposa Eline Falcão, pela paciência, enorme paciência que tem para comigo; meus amigos, sem eles eu nada seria; meu querido orientador: Idelmar Gomes Cavalcante Júnior pelo imenso apoio prestado na produção desta monografia, obrigado mesmo!!! E agradeço também aos meus amados professores, que de forma muito direta contribuíram para a minha formação acadêmica e por que não também ética e humana.

A História possui objetos e sujeitos porque os fabrica, inventa-os, assim como o rio inventa o seu curso e suas margens ao passar.  
(ALBUQUERQUE JUNIOR, 2007: 29)

## RÉSUMO

O Brasil, na década de 1970, foi palco de uma grande agitação política, época em que o país foi governado pelos militares e as liberdades democráticas e de expressão foram suprimidas. Por conta disso, foram surgindo em quase todo o território nacional formas de contestação ao regime militar, tais como: poesias e filmes “marginais”, jornais alternativos ou imprensa “nanica”, dentre outras. No Piauí este fenômeno também foi observado, surgindo no Estado tanto filmes, quanto jornais e poesias “marginais”. A presente monografia tem como objetivos principais investigar e analisar justamente as ações dos jornais alternativos produzidos por uma pequena parcela da juventude pamaibana durante este período, bem como também investigar que fatores contribuíram para que houvesse em Parnaíba tanto poesias “marginais” quanto imprensa alternativa. Para o intento utilizamos como fonte de pesquisa alguns livros que tratam sobre esta temática, algumas poesias “marginais” produzidas em Parnaíba durante a década de 1970 e o jornal Inovação, periódico alternativo, também produzido no mesmo período. Como metodologia de pesquisa, optamos por utilizar a análise documental, principalmente das fontes hemerográficas, dialogando com autores adeptos da Nova História Cultural.

**PALAVRAS-CHAVE:** Ações Juvenis. Poesias Marginais. Jornais Alternativos.

## **ABSTRACT**

Brazil, in the 1970's was scene of a great political upheaval, a period when the country was ruled by the military and the democratic and speech freedoms were suppressed. Because of this, it began to arise in almost all national territory ways of opposition to military regime, such as: "marginal" poetries and movies, alternative newspapers or press "nanica" among others. In Piauí this phenomenon was also observed, arising in the state both movies as "marginal" poetries and newspapers. This monograph aims to investigate and analyze the actions of alternative newspapers produced by a small part of parnaibana youth during this time, and investigate what factors had contributed so that there were in Parnaíba both "marginal" poetries as alternative press. For this purpose we used as a source of research a few books about this subject, some "marginal" poetries produced in Parnaíba during the 1970's and the Innovation newspaper, alternative periodical, also produced in the same period. As research methodology, we choose for use documentary analyses, mainly from hemerográficas sources, talking with authors follower of the New Cultural History.

**KEY WORDS:** Youth Actions. Marginal Poetry. Alternative Newspapers.



## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	09
1. MUDANÇAS À VISTA: os eventos que marcaram a sociedade brasileira nos anos 1970 .....	11
2. IMPRENSA ALTERNATIVA E POESIAS “MARGINAIS” EM PARNAÍBA NA DÉCADA DE 1970. ....	23
3. ESCRITA E CONTESTAÇÃO: a ação do jornal Inovação contra a reforma da Praça.....	34
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	44
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	45

## INTRODUÇÃO

A presente monografia intitulada “De Artigos a Poesias Marginais: a imprensa alternativa parnaibana da década de 1970” surgiu de meu interesse pessoal pela temática que vem desde o final do sexto bloco do curso de História e também do final do curso de especialização, quando comecei a realizar um projeto de pesquisa intitulado “Praça em Chamas: Modernização e comportamento juvenil em Parnaíba nos anos 1970”.

De início, o meu interesse era investigar sobre um evento que marcou a cidade de Parnaíba no final da década de 1970: a derrubada e queima do “Muro da Vergonha”. Este episódio aconteceu devido a uma reforma decretada pelo prefeito municipal de Parnaíba, na época Batista Silva, o qual previa a modernização da Praça da Graça. Os trabalhos começaram a ser realizados no ano de 1978, a Praça foi demolida para que em seu lugar surgisse uma mais “moderna”, porém já se passava quase um ano e nada da praça ser reconstruída; foi então que na madrugada do dia 31 de agosto de 1979, uma pequena parcela da população parnaibana se reuniu para derrubar e atear fogo nos tapumes (denominados de “Muro da Vergonha”) que serviam para encobrir a destruída Praça da Graça.

Este evento despertou em mim um interesse muito grande, já que se tratava de um acontecimento que teve grande repercussão na imprensa piauiense do período, mas que atualmente quase ninguém tem conhecimento do mesmo. Porém, na medida em que eu comecei a pesquisar sobre este assunto, várias fontes me foram chegando e dentre elas alguns jornais e poesias. E um dos jornais foi o *Inovação*, periódico mimeografado e conceituado de marginal e alternativo pelos próprios integrantes. A linguagem deste jornal e a forma como eram produzidos os artigos (a maioria ofensivos, irônicos e debochados) despertaram em mim um interesse maior do que o próprio evento de destruição e queima dos tapumes.

As poesias publicadas neste jornal também me chamaram muito a atenção, foi então que resolvi mudar o foco da minha pesquisa e comecei a ter como objetivos: investigar sobre as condições históricas que permitiram a emergência dos jornais e poesias “marginais” em Parnaíba; investigar e analisar as ações da juventude ligada ao jornal *Inovação*, bem como analisar os artigos e poesias publicados no mesmo.

Para a realização da monografia tive como fontes principais: o jornal *Inovação* e poesias produzidas na década de 1970. Além disso, dispus de livros que tratavam sobre a temática estudada. Foram utilizadas também algumas charges publicadas no *Inovação*.

Como referencial teórico, optei por utilizar alguns autores ligados à Nova História Cultural, dentre eles: Michel de Certeau, Maria Paula N. Araujo, Teresinha Queiroz, Edwar

Castelo Branco, Idelmar Cavalcante, Fredérico Osanan, dentre outros. Como metodologia de pesquisa prevaleceu a análise documental, principalmente das fontes hemerográficas e a análise de poesias.

O resultado do diálogo entre as fontes e o referencial teórico utilizados nesta pesquisa, foi esta monografia que dispõe de três capítulos. Sendo que no primeiro escrevo: sobre alguns acontecimentos que marcaram a sociedade brasileira nos anos de 1970 (dentre eles, os movimentos estudantis); algumas transformações que se processaram neste período (como a emergência da imprensa “nanica” em alguns lugares do Brasil); e também escrevo sobre alguns filmes “marginais” produzidos na década de 1970 na cidade de Teresina.

No segundo capítulo, escrevo sobre as poesias produzidas em Parnaíba durante a década de 1970, poesias estas denominadas de “marginais” devido estarem de fora dos grandes circuitos comerciais. Também dedico espaço neste capítulo para escrever sobre a imprensa “nanica” de Parnaíba (principalmente sobre o jornal Inovação), analisando as condições históricas que permitiram o aparecimento deste tipo de imprensa nesta cidade.

No terceiro capítulo escrevo sobre a participação do jornal Inovação nos acontecimentos em torno da reforma da Praça da Graça, analisando as ações de parcela da juventude parnaibana deste período, a qual era ligada ao Inovação, para compreender como esta se comportou diante deste evento que marcou parcela considerável da sociedade parnaibana no final da década de 1970.

## 1. MUDANÇAS À VISTA: os eventos que marcaram a sociedade brasileira nos anos 1970.

Um período muito conturbado e bastante significativo da História do Brasil, no que diz respeito aos movimentos sociais (com destaque para a juventude), foram as décadas de 1970 e 1980. Estes anos foram marcados pela ditadura militar, período “agitado”, em que o Brasil assistiu a um governo autoritário. É nessa época também, mais precisamente no final da década de setenta que emergem com maior força no cenário brasileiro os movimentos sociais contrários ao sistema político vigente e os movimentos alternativos ligados as “minorias” (políticas e numéricas), tais como os negros, os homossexuais, as mulheres, os indígenas etc.

Podemos afirmar que esta temporalidade representou, para muitos dos que a viveram, o tempo de maior censura e de maior criatividade no campo das artes que o Brasil já viveu. Porém, muito ainda pode ser estudado e escrito sobre essas décadas, devido se tratar de um período muito próximo do qual vivemos hoje e também pela quantidade de fontes que ainda faltam ser exploradas.

[...] existe um período ainda pouco explorado pela literatura e pela historiografia: o período pós-luta armada, os anos da “distensão” e do processo de abertura política, que marcaram as décadas de 1970-80. Um período em que os movimentos sociais e políticos disputaram com o regime todos os espaços possíveis de ação política legal. (ARAUJO, 2000: 15)

O estudo acerca deste período abordado pode trazer muitas contribuições para o campo da história, bem como para as demais áreas das ciências sociais. A década de 1970, tomando como base os estudos realizados por Paula Araújo (2000), foi um período em que a política tanto no Brasil como no mundo estava se reinventando, a própria política estava passando por uma revolução conceitual.

Por conta disso, estava surgindo um novo tipo de esquerda devido alguns eventos que mudariam a forma de perceber a política mundial, e entre estes podemos citar a rebelião de Maio de 1968 em Paris e a Revolução Cultural Chinesa. Estes acontecimentos, que se processaram no final da década de 1960, operaram transformações significativas na forma de perceber a política, os movimentos sociais e principalmente o conceito de esquerda na década seguinte.

Ao passo que os eventos acima descritos já haviam se processado, o mundo, na década seguinte, passava também por modificações nos mais diversos campos do social, do econômico, do político e do cultural. Entravam em cena novos atores sociais, novas problemáticas, o próprio campo do saber historiográfico estava sofrendo mudanças, devido

justamente aos acontecimentos que afloraram no final da década de 1960 no mundo como um todo. O próprio conceito de linguagem, ao ser “alvo” de estudo pelos mais diferentes pensadores entre eles Ferdinand Saussure<sup>1</sup>, alterou sobremaneira a forma de perceber o universo ao nosso redor e a forma de se perceber e produzir a História, como afirma Durval Muniz de Albuquerque Junior em seu livro “História: a arte de inventar o passado” (2007).

Teresinha Queiroz também constrói uma narrativa sobre esta temporalidade abordada, e faz com que percebamos como este período é rico em eventualidades as quais marcaram toda uma sociedade e imprimiram mudanças que até hoje são temas de estudos e inquietações. Segundo ela:

A história brasileira do século passado, vista do final da década de 1970 até meados da década de 1980, tanto num ângulo geral quanto em suas particularidades, é de uma extraordinária riqueza de nuances e de grande velocidade de transformação, sendo os anos compreendidos entre 1978 e 1985 absolutamente representativos quanto às mudanças do cenário político. Das promessas de abertura do regime ao movimento “diretas já”, a presença e a consistência das aspirações e da ação populares denotam aquela mudança e dão o diapasão das novas regras que se insinuam no ordenamento político do país. (2006: 203)

Através da narrativa de Queiroz fica patente que se trata de um período em que se processavam transformações principalmente no que diz respeito à política e aos movimentos sociais. O próprio momento político do Brasil, o qual vivia sob as “rédeas” do regime militar, propiciava o cenário perfeito para inquietações, conspirações populares e esperança de novos sistemas políticos, seja de esquerda ou governos democráticos, vingarem em detrimento do sistema presente.

Essa foi uma época, segundo Teresinha Queiroz afirma em um artigo intitulado “Política e cultura no jornal Inovação” (2006), em que grande parcela dos sujeitos desejava participar da vida política, intervir de alguma forma para a melhoria de suas vidas já que o direito a participação na vida política lhes foram negado e isso gerou certo tipo de insatisfação entre a população, principalmente naquela parcela ligada as ideias de esquerda.

De uma forma mais específica Teresinha Queiroz, ao tomar como fonte o jornal Inovação<sup>2</sup>, relata outros fatos que fizeram parte deste contexto, conferindo mais elementos a esse tempo que sem sombra de dúvidas marcou toda sociedade brasileira.

<sup>1</sup> Eni P. Orlandi faz um estudo detalhado sobre linguagem em seu livro intitulado “O que é Lingüística” (1986).

<sup>2</sup> O *Inovação* foi um jornal mimeografado que surgiu no final da década de 1970 em Parnaíba, tendo a sua frente jovens piauienses, principalmente parnaibanos. Este jornal era tido, pelos seus próprios idealizadores, como marginal e alternativo.

concluir os estudos secundários e ingressarem em universidades de Direito, Jornalismo etc. o qual conferiam certo tipo de *status* aos mesmos, se deslocavam para outros Estados e ao regressarem traziam à sua terra natal novas práticas sociais, novas inquietações, novas formas de perceber o mundo e a sexualidade.

O deslocamento dos filhos das camadas médias locais aos grandes centros a fim de cursar o ensino universitário, prática presente desde as décadas anteriores, que no período ora descrito encontra irônico diferencial: se os intelectuais das décadas anteriores, após sua estadia sobretudo nas cidades de Olinda, Pernambuco, Salvador e, posteriormente, Fortaleza, retornavam ilustres profissionais liberais: médicos, advogados, farmacêuticos entre outros, na década de 70, com as manifestações culturais e políticas nas Universidades, [...] voltariam dispostos a difundir em sua cidade natal as novas cores, sons e práticas sexuais que haviam aprendido recentemente nas capitais. (MARQUES, 2004: 406)

Esta aproximação com o diferente (outros centros urbanos), em grande medida, é fundamental para que ocorram mudanças em todos os setores da vida social, pois é uma forma de entrar em contato com novas atitudes, novas práticas sociais, novos conceitos, novos modos de se vestir, de falar etc.. A juventude piauiense de 1970, realmente estava vivendo e passando por um período de profundas mudanças. Também aqui cabe enfatizar que:

Além disso, toda a efervescência cultural vivida na década de sessenta com a Tropicália, o Cinema Novo, a arte ambiental e as manifestações artísticas mais engajadas com os problemas políticos, começava a migrar da região Sudeste para o Nordeste, chegando a Teresina em meados da década de setenta, possibilitando uma mudança – mesmo que tardia – nos padrões comportamentais, nas atitudes e na valoração da arte. As informações trazidas pelas novas mídias, pelos jornais e revistas alternativas, nas letras de músicas e nos poemas de artistas considerados subversivos, pelos estudantes que viajavam para estudar fora e pelos viajantes que transitavam pela cidade, tudo isso apresentava a uma parcela da juventude teresinense da época. (LIMA, 2007: 36)

Portanto, além das mudanças ocorridas no campo da política e do social, também estavam se processando no Piauí mudanças no campo da cultura. Um exemplo disso é o surgimento de filmes produzidos em Teresina com o uso de câmeras Super-8<sup>4</sup>. Esta produção fílmica que se utilizava de bitolas domésticas realizada no Piauí durante a década de 1970 foi denominada de “marginal” justamente por se tratar de filmes não-comerciais e estarem fora

<sup>4</sup> Sobre os filmes produzidos em Super-8 durante a década de 1970 ver: MONTEIRO, Jaislan Honório. Fotogramas Táticos: o cinema marginal e suas táticas frente às formas dominantes de pensamento. In: NASCIMENTO, Francisco Alcides do; VAINFAS, Ronaldo. **História e Historiografia**. Recife: Bagaço, 2006.

dos grandes circuitos dos filmes brasileiros. Porém, longe de serem apenas uma diversão por parte dos que os idealizavam, eram uma forma de contestação da realidade que os cercavam.

Entre eles podemos citar: O terror da vermelha (filme produzido por Torquato Neto em Teresina no ano de 1972); Davi Vai Guiar (filme de Durvalino Couto Filho, Teresina, 1972); Coração Materno (filme de Haroldo Barradas, Teresina, 1974); Miss Dora (filme de Edmar Oliveira, Teresina, 1974); Porenquanto (filme de Carlos Galvão, Rio de Janeiro em 1973) e Tupi Niquim (filme de Xico Pereira, RJ, 1974).

Os filmes produzidos em Super-8 eram de caráter doméstico, mas traduziam, em certa medida, os anseios e angústias de uma juventude ligada às questões sociais que eram próprias de seu tempo. Em alguns dos filmes podemos perceber como a juventude piauiense percebia e rebatia as formas estratégicas de captura do social por parte das autoridades governamentais, como é o caso do filme “Davi Vai Guiar”<sup>5</sup>.

No “Davi Vai Guiar”, filme produzido por Durvalino Couto Filho em Teresina no ano de 1972, podemos observar as táticas utilizadas pela juventude para transgredir as normas e os padrões de comportamento tidos como “tradicionais”. Entendendo o conceito de tática tal qual Michel de Certeau, quando este afirma que:

Denomino, ao contrário, “tática” um cálculo que não pode contar com um próprio, nem portanto com uma fronteira que distingue o outro como totalidade visível. A tática só tem por lugar o do outro. Ela aí se insinua, fragmentariamente, sem apreendê-lo por inteiro, sem poder retê-lo à distância. Ela não dispõe de base onde capitalizar os seus proveitos, preparar suas expansões e assegurar uma independência em face das circunstâncias. O “próprio” é uma vitória do lugar sobre o tempo. Ao contrário, pelo fato de seu não-lugar, a tática depende do tempo, vigiando para “captar no vô” possibilidades de ganho. (1994: 46-47)

Com isso, fica claro que as lutas contra o poder instituído travavam-se nos mais diversos lugares, e os filmes “marginais” eram apenas mais um veículo de contestação social. Esta parcela da juventude contestava em seus filmes a linguagem enquanto instituinte da realidade (Terror da Vermelha); contestavam também os instrumentos panópticos de controle do espaço urbano (Davi Vai Guiar); colocavam em evidência a relação familiar procurando desconstruir a ideia de amor romântico (Coração Materno); mostravam a emergência da erotização do corpo feminino nos espaços públicos (Miss Dora); procuravam dar visibilidade às diversas localidades da cidade, as subjetividades próprias do ser humano (Porenquanto);

<sup>5</sup> Para uma melhor leitura do filme “Davi Vai Guiar” ver: LIMA, Frederico Osanan Amorim. Curto-circuitos na sociedade disciplinar: Super-8 e contestação juvenil em Teresina (1972-1985). UFPI, 2006.

problematizam a dualidade litoral/sertão, dando a ver as diferenças entre o que é centro e o que é periférico (Tupi Niquim).

Os filmes “marginais” são fontes que podem ser utilizadas para observarmos alguns costumes, comportamentos, os quais eram próprios do período em que foram produzidos, e também são registros visuais importantíssimos, pois são representações de uma cidade, no caso Teresina, a qual já não é mais a mesma devido às modificações sofridas ao longo dos tempos; os filmes são elementos ilustrativos das transformações pelas quais a cidade de Teresina estava passando, já que a década de 1970 no Brasil, sob a liderança dos militares, se havia adotado como bandeira a palavra “modernização”, para isso foi criado um planejamento com vistas ao desenvolvimento do país. Essa era uma das estratégias utilizadas pelo governo federal para maquiagem a grande repressão imprimida pelos mesmos.

Em torno desta modernização do país foram criados alguns slogans, tais como: “Brasil, ame-o ou deixe-o” e “Brasil, conte comigo!”, na tentativa de criar em torno do país uma unidade nacional, um sentimento de pertencimento e ao mesmo tempo uma identidade que ligariam todos rumo ao progresso da nação. É desta temporalidade que o governo utiliza a propaganda da Transamazônica, da conquista do tricampeonato mundial do Brasil e do famoso “milagre econômico brasileiro” para passar uma imagem de uma nação vitoriosa, de um país que estaria, de fato, sendo bem administrado pelos militares. Por conta destes fatores é que na década de 1970 vai crescer no Brasil a ideia de uma onda modernizadora e, por tanto, todos os Estados seriam beneficiados com isso.

E Teresina não poderia ficar de fora desta corrida desenvolvimentista, e sob a liderança do então governador do Piauí Alberto Silva foram erigidas várias obras no sentido de modernizar a capital piauiense. Dentro deste contexto é que vamos poder deslumbrar o nascimento de alguns dos grandes símbolos da modernidade da cidade de Teresina.

A organização espacial da cidade de Teresina com a atuação direta do Estado acabou resultando em grandes construções, como pontes, avenidas e prédios. Assim, com a interferência do Estado, foi possível para a sociedade da época se deslumbrar, por exemplo, com a construção do estádio de futebol Albertão, [...] já que as existentes até então não exalavam nenhum ar de modernização. Da mesma maneira que era possível observar a pavimentação da Avenida Miguel Rosa e o remodelamento da Avenida Frei Serafim, atendendo ao crescimento demográfico da cidade e à multiplicação dos meios de locomoção, destacadamente os automóveis, que ganhavam anúncios nos jornais ao mesmo tempo em que circulavam com uma maior intensidade pelo centro e periferia. Do mesmo modo, receber com entusiasmo o campus da Universidade Federal do Piauí. (LIMA, 2006:39-40)



Entre essas construções a Universidade Federal do Piauí vai se destacar por conta de ser a nova difusora de conhecimentos. Agora, além da televisão, dos jornais de circulação nacional e do rádio que na época já se faziam presentes nos lares de pequena parcela da sociedade teresinense, a UFPI também vai exercer papel fundamental na transmissão de novas ideias, novas leituras de mundo que inclusive vão despertar nos estudantes de Teresina atitudes de contestação em prol do melhoramento do campus e ampliação dos cursos superiores.

Uma das características marcantes da década de 1970, e que não pode ser deixada de lado, são justamente os movimentos estudantis. Estes movimentos surgiram com grande força no mundo como um todo no final dos anos sessenta, mas no Piauí, segundo o professor Fonseca Neto, vieram a emergir com mais intensidade apenas no ano de 1979.

Movimento Estudantil (ME) é uma expressão que traduz em tempos mais recentes a organização e ação dos estudantes enquanto parcela do povo coletivamente atuante. É um movimento social com caráter de massa, com forte presença na cena brasileira desde meados do século fluente. (NETO, 1994: 50)

Segundo ainda o professor Fonseca Neto, as ações estudantis sempre estiveram presentes no Brasil desde os tempos em que este ainda era dependente de Portugal, seja nos movimentos ligados à abolição da escravidão, seja nos movimentos ligados à adoção do regime republicano, ou em outros movimentos sociais, mas é durante o período ditatorial encabeçado pelos militares é que os movimentos estudantis receberão maior destaque devido a sua intensa participação nas lutas e protestos contra o regime militar.

O ME foi legalizado ainda durante a década de 1930 por conta da “criação da União Nacional dos Estudantes (UNE) em agosto de 1937, como entidade de âmbito federal” (Idem). Esta foi uma forma de tornar o ME mais organizado e forte no sentido de atuar com mais intensidade nas diversas lutas sociais existentes no Brasil. Porém, durante o período de ditadura militar a UNE foi desativada, por ser considerada subversiva e “perturbadora” da “ordem”, por isso, atuava fora da legalidade. No Piauí, o movimento estudantil vai se tornar mais atuante após a segunda metade da década de 1970, quando o Estado já se encontrava beneficiado com a implantação da UFPI.

Fonseca Neto, ao traçar uma trajetória “evolutiva” do Movimento Estudantil piauiense, descreve como o regime militar soube “castrar” os centros representativos dos estudantes universitários ao criar DS’s (Diretórios Setoriais) que eram apenas “uma representação meramente formal, de pouca importância para os ‘representados’” (Idem: 52),

já que estes estavam preocupados mais com a promoção de eventos esportivos e sociais do que estar presente em algum engajamento político ou de luta. Até mesmo o processo eleitoral era um ato meramente formal. Esta pouca participação do ME piauiense está inserido dentro do contexto de formação da UFPI em Teresina no início da década de 1970, mas que mais tarde, mais precisamente no final desta mesma década, irá dar passos significativos com relação à participação dos mesmos nas questões ligadas ao melhoramento e ampliação do Campus universitário da Federal de Teresina.

Em 1979, o clima no país era de supressão das liberdades civis e repressão policial, inclusive nas universidades. Na UFPI, as condições de ensino eram péssimas e a instituição estava dissociada da realidade do Estado, sendo controlada por políticos subservientes à ditadura militar. (FONTENELLE, 2009: 05)

A juventude estudantil da capital piauiense sofria limitações na sua atuação junto ao social por conta das intervenções realizadas pelo governo militar, dessa forma “o Grêmio do Liceu (um dos mais reprimidos pelo regime) foi parcialmente reativado, mas totalmente submetido à Direção, só podia escolher dirigentes pela via indireta” (Idem: 53), todos os grêmios foram desfigurados sendo eles transformados em Centros Cívicos, ou seja, mais uma forma de podar a luta estudantil.

A reviravolta estudantil universitária, com relação à sua participação nas eleições para seus representantes e, por conseguinte ter uma universidade mais livre e democrática ocorreu com maior vigor a partir, segundo Fonseca Neto, da palestra proferida pelo ex-ministro da Educação Darcy Ribeiro, o qual chegara a pouco tempo do exílio. Além disso, contribuíram também para uma maior mobilização estudantil o GEG (Grupo de Estudos Gerais), o qual foi a primeira organização não-oficial realizada por estudantes da UFPI.

Em 1979, a chapa “Travessia” (chapa oposta à encabeçada pelos representantes do regime oficial) ganhava as eleições para a presidência do DCE (Diretório Central dos Estudantes), o qual deixou de ser um órgão manipulado pelas autoridades ligadas ao governo militar e passou a ser um DCE-livre, dando margem a representações estudantis mais engajadas nas lutas pela melhoria tanto da universidade quanto da sociedade em geral. Ainda neste ano, os estudantes piauienses participaram do congresso de Reconstrução da UNE em Salvador – BA. O Movimento Estudantil piauiense começava a galgar novas vitórias em prol da coletividade, e entre estas temos: congelamento da taxa do RU (Restaurante Universitário); criação de uma imprensa universitária livre de censura; direito à meia passagem etc.

Parecia mesmo que o ano de 1979 estava mexendo com a juventude piauiense, já que essa luta pela melhoria das condições de vida, ou seja, as lutas ligadas ao campo do macro se travavam nos mais variados lugares, e entre eles podemos citar os filmes produzidos em bitolas domésticas de câmeras Super-8. Os filmes marginais produzidos no início da década de 1970, ligadas às questões comportamentais, às questões do micro, os quais sofriam influência da chamada geração “Torquato Neto”, vão dar lugar agora a grupos mais preocupados em mostrar temas discutidos em sindicatos de trabalhadores, em temas abordados em associação de moradores de bairros etc.

Um exemplo que pode ser relatado são os filmes produzidos pelo grupo *Mel de Abelha*, o qual era composto por jovens teresinenses que tinham interesse de se utilizar da tecnologia do Super-8 para denunciar alguns problemas enfrentados pela capital piauiense do início da década de 1980. Um dos filmes produzidos por este grupo, e que merece destaque, é o “Espaço Marginal” por mostrar a cidade de Teresina invadida por pichações que criticavam o aumento das passagens de ônibus, dentre outras coisas.

No filme “Espaço Marginal” saem de cena os atores de cabeleiras enormes, com roupas rasgadas, cigarros na boca, caminhar relaxado, meninas de mini-saias, mostrando a erotização do corpo, ou seja, saem de cena os corpos “desbundados”. O momento vivido agora é outro, e é por isso que entram em cena jovens bem vestidos, cabelos cortados, preocupados não mais com as questões comportamentais e sim em denunciar “os novos e velhos problemas sociais da cidade de Teresina” (LIMA, 2007: 100).

Os jovens que produziram este filme pareciam compartilhar das mesmas angústias enfrentadas pelos jovens universitários do DCE-Livre, pois estes também passavam pelos mesmos problemas. Aqui temos uma juventude mais aberta a discutir as questões de cunho social e político do que os ligados ao comportamento, que eram próprios da geração “Torquato Neto” do início da década de 1970.

Outro fenômeno muito presente no final da década de 1970, são os jornais alternativos. Estes “invadiram” os mais diversos Estados do Brasil e tinha entre alguns de seus objetivos: contestar o sistema político atual; criticar as formas de censura de liberdade de expressão etc., utilizando-se para isso, de metáforas, poesias, charges etc.. Os jornais alternativos foram um dos instrumentos de comunicação que começaram a criticar o regime de forma mais contundente e clara. Podemos citar como exemplo disso, *O Pasquim*.

O Pasquim misturava política, comportamento e crítica social. Reproduzia a linguagem coloquial e incorporava o palavrão – muitas vezes utilizando um

asterisco como substituto do termo. Chegou a ter uma tiragem de 200 mil exemplares. Uma das proezas da produção jornalística do Pasquim foi a famosa entrevista com Leilá Diniz, que saiu publicada no número 22 do jornal, em novembro de 1969. Nesta entrevista a atriz falava com desenvoltura de amor e liberdade sexual, marcando um padrão de comportamento da mulher emancipada. (ARAUJO, 2000: 23)

A imprensa alternativa representou muito para as pessoas que eram contra o regime militar, e também contra os valores comportamentais tidos como “tradicionais” pelos jovens daquela época. Daí o impacto da entrevista com a atriz citada no jornal *O Pasquim* no final da década de 1960. Aliás, é preciso dizer que muito do que se viveu na década de 1970 foi fruto da década de 1960, ou pelo menos é o que grande parcela dos discursos produzidos sobre este período nos faz pensar<sup>6</sup>, principalmente quando o assunto é Maio de 1968.

Os anos 1970 foram palco, no Brasil e no mundo, de uma tentativa de reinventar a política. Em grande parte, tal postura era herança dos anos 60, particularmente de 1968. Alguns marcos históricos e políticos haviam modificado profundamente as ideias de “política”, de “participação política” e, sobretudo, de “esquerda”. (Idem: 15)

O Pasquim é considerado um dos principais jornais, talvez por ter absorvido muito do que foi vivido nos anos sessenta, e devido também ao seu pioneirismo na forma diferente de sua escrita, o humor sempre venenoso lançado às autoridades governamentais. Além do Pasquim, também fizeram parte da imprensa alternativa os jornais: *Opinião* (considerado entre os periódicos citados como o de perfil mais intelectual), *Movimento* (originado da separação de alguns membros do *Opinião*), *Versus* (que tinha como direcionamentos principais de suas matérias assuntos ligados a cultura) e *Em Tempo* (periódico mais ligado às organizações de esquerda).

Grupos feministas, negros e gays não ficaram de fora desta facção jornalística e lançaram também seus jornais como é o caso do *Brasil-Mulher* e *Nós Mulheres* (jornais feministas da década de 1970) e *Mulherio* (da década de 1980). Na imprensa negra se destacaram *Sinba*, *Tiçõ* e *Koisa de Crioulo*, e na imprensa Gay merecem destaque o *Gente Gay*, o *Boca da Noite*, o *Lampião da Esquina* dentre outros. Todos estes jornais fizeram parte do grande caldeirão que foram as décadas de 1970-1980 e refletiam as questões e angústias de milhares de pessoas. Angústias essas que não diziam respeito apenas às questões políticas e sociais, mas comportamentais, culturais, sexuais etc.

<sup>6</sup> Sobre a forma como foi se configurando a imagem sobre o ano de 1968 ver: CAVALCANTE JUNIOR, Idelmar Gomes. **Juventude em movimento**: um estudo sobre a constituição do Movimento Estudantil como uma categoria histórica. UFPI, 2007.

Estes jornais influenciaram a criação de muitos outros em todo o Brasil, inclusive a imprensa alternativa piauiense criou seus primeiros periódicos de cunho alternativo provavelmente, como sugere Frederico Osanan, após alguns jovens teresinenses, considerados marginais e subversivos por grande parcela da sociedade piauiense, devido até mesmo a forma como se vestiam etc., tomarem conhecimento do Pasquim.

Certamente, o jornal carioca *O Pasquim* passava a ser a primeira e grande referência de leitura alternativa por parte dessa juventude. Alguns dos mais expressivos textos criados por eles traziam a marca e a irreverência do tablóide do Rio de Janeiro. Os jornais *Comunicação*, *O Gramma* e *O Estado Interessante*, todos criados e lançados entre o início de 1971 e o final de 1972 por alguns jovens de classe média de Teresina, carregavam em suas entrevistas, nos artigos, nos depoimentos, nas gravuras e na própria estrutura, a contestação, a angústia, a sátira a muitos valores e comportamentos além das dúvidas que também faziam parte do universo presente nos textos de *O Pasquim*. O próprio Durvalino Couto se refere aos jornais alternativos piauienses, sobretudo aqueles do qual ele fez parte, como sendo produzidos “assim nos moldes do *Pasquim*” (LIMA, 2007: 33-34)

Não só em Teresina, mas também em Parnaíba houveram jornais mimeografados, também considerados marginais e alternativos. O primeiro é intitulado “*Linguinha*” e foi editado no ano de 1972, no Rio de Janeiro, pelo Alcenor Candeira Filho sendo lançado em Parnaíba, o segundo jornal é o *Inovação*, criado no ano de 1977 o qual darei maior atenção nos dois últimos capítulos desta monografia quando o utilizarei como fonte para escrever sobre os movimentos realizados pelos jovens parnaibanos no final da década de 1970.

O *Inovação* também será utilizado como fonte para demonstrar a ousadia da juventude ao criticar o governo local, a forma como essa juventude parnaibana percebe o mundo à sua volta, a coragem e o sonho de tornar a cidade de Parnaíba num lugar melhor e principalmente quando tomo o *Inovação* como principal fonte para demonstrar a revolta de pequena parcela da juventude parnaibana com relação a reforma da Praça da Graça, decretada pelo prefeito da cidade, o qual culminou na derrubada do “Muro da Vergonha”<sup>7</sup> em Parnaíba no ano de 1979.

Estes jornais são provas de como este período foi rico em formas alternativas de contestação ao governo militar e até mesmo as coisas que não fossem ligadas aos assuntos militantes partidários, pois podemos encontrar nestes periódicos assuntos os mais diversos, desde poesias relativas ao amor a questões ligadas à morte, de política a questões ligadas ao sentido da vida na Terra, entre tantas outras coisas que fazem parte do nosso cotidiano. Além

<sup>7</sup> A expressão “Muro da Vergonha” foi utilizada pelos integrantes do jornal *Inovação* para denominar os tapumes que foram utilizados para encobrir a destruída Praça da Graça durante o tempo em que a mesma passava por reforma no governo do prefeito Batista Silva (1977 a 1985).

disso, estes jornais e outros elementos (como os filmes rodados em Super-8, por exemplo) são fontes cabais de que houve no Piauí pessoas ligadas ao movimento contracultural.

Todos os acontecimentos acima descritos dão a dimensão de como a década de 1970 e início da de 1980 foram ricas em transformações, em mudanças de atitudes, em formas diferentes de comportamento juvenil. Prova disso, são os jornais, os filmes, os movimentos estudantis, as lutas pela melhoria do campus universitário, as lutas pela participação política dos jovens. Os ideais de vida juvenil vivido nestes anos vão invadir os mais diferentes lugares, e Parnaíba não ficaria de fora desta “onda” contagiante. Estes acontecimentos vão, em certa medida, influenciar parcela considerável de estudantes parnaibanos, os quais também vão mostrar sua “força” contestatória principalmente em jornais e poesias.

## 2. IMPRENSA ALTERNATIVA E POESIAS “MARGINAIS” EM PARNAÍBA NA DÉCADA DE 1970.

Por quê se nasce?  
 Por quê se vive?  
 Por quê a guerra?  
 Por quê não a paz?  
 Por que o amor?  
 Por quê a intriga?  
 Por quê a inveja?  
 Por quê a ganância?  
 Por quê a morte?  
 Por quê o esquecimento?  
 Por quê as humilhações?  
 Por quê as desgraças?  
 Por quê as derrotas?  
 Por quê as vitórias?  
 Por quê as frustrações?  
 Por quê uma arma?  
 [...]

Por quê? Por quê? Por quê?  
 Somente porque para tudo isso existe um só por quê.  
 Sém ele não haveria razão de ser,  
 Seria simplismente  
 Para tudo e todos existe um por que  
 POR QUÊ?  
 (POR QUÊ?, Marcos L. de R. Melo)<sup>8</sup>

Poesia produzida na década de 1970, “Por Quê?” de Marcos Melo já dizia muito sobre este período que marcou toda uma geração que buscava constantemente respostas para as suas infinitas perguntas, os seus infinitos questionamentos. Foi nesse clima de dúvidas e incertezas que Parnaíba assistiu, ao que tudo indica, a uma das épocas mais criativas de sua história, época das renovadas poesias, da juventude “rebelde”, dos jornais sem medo da censura, sem medo das críticas, sem medo de escrever o que pensavam, época dos jornais “O Linguinha” e “Inovação”.

Em meados dos anos 1970, enquanto no Brasil se processavam alguns acontecimentos, os quais grande parte dos eventos já foram citados no primeiro capítulo, encontraremos, neste mesmo período, algumas pessoas de Parnaíba preocupadas com alguns problemas que

<sup>8</sup> Poema de Marcos L. de R. Melo, extraído do primeiro exemplar do jornal *Inovação*, nascido em dezembro de 1977.

afetavam a cidade de Parnaíba, tais como: limpeza pública, desvios de dinheiro públicos, e outros problemas de ordem administrativa ligados a prefeitura municipal da cidade.

Parte da efervescência cultural, política, econômica e social vivida nos anos da ditadura militar vão chegar até a população parnaibana. Encontraremos nesta cidade vestígios de sua produção cultural que, em grande medida, compactuam com as grandes produções culturais contrárias ao regime inseridas em quase todos os lugares do Brasil desse contexto. Em outras palavras, encontraremos em Parnaíba os famosos jomais tidos como “nanicos” (periódicos alternativos nos quais a sua imensa maioria surgiria na década de 1970), jornais estes que vão desferir no seio da sociedade todo o seu “veneno” criativo contra as decisões, tomadas pelas autoridades locais, consideradas injustas e mal elaboradas.

Encontraremos na cidade do Delta, poetas e poesias que denunciavam seus desejos, seus anseios, suas loucuras, suas frustrações, suas paixões, seus pensamentos, que talvez fosse compartilhada por boa parte das pessoas que eram contemporâneos deste momento conturbado e incerto, marcado que foi pelos anos de chumbo.

Em um livro intitulado “A Poesia Parnaibana” editado no ano de 2001, um dos seus realizadores, professor Alcenor Candeira Filho, já definia a década de 1970 como um período de grande criatividade e de grande importância para a própria cidade quando este partia do “princípio de que foi e é de maior importância para a história cultural de nossa cidade a atividade intelectual, gerada sob o império do arbítrio, desempenhada em Parnaíba, nos anos 70.”(CANDEIRA FILHO, 2001: 206).

Esta afirmativa partia, em certa medida, da grande quantidade de poesias produzidas naquele período, dos jornais marginais que nasceram sob as vistas do regime militar, dos poetas criativos e inovadores (os quais em sua grande maioria encabeçaram os jornais tidos como marginais neste contexto), dos jovens cheios de ideias e vontade de melhorar o mundo, de uma juventude parnaibana sedenta por uma mudança política que favorecesse os seus ideais, sejam eles democráticos ou marxistas. Mas, esta grande atividade intelectual apontada por Candeira Filho não era por acaso, pois:

No Brasil, a cronologia histórica-cultural da década em apreço registra fatos que não deixam de refletir-se no trabalho dessa geração, que, por circunstâncias alheias à sua vontade, ficou marginalizada do processo político do país: 1970: assassinatos e prisões arbitrárias de padres e estudantes; a guerrilha urbana começa a ser dominada; 1971: morte do chefe terrorista Carlos Lamarca; regressam de um exílio na Inglaterra Caetano Veloso e Gilberto Gil; 1972: suicídio do compositor e poeta piauiense Torquato Neto; 1973: a ARENA consagra o Gal. Ernesto Geisel seu candidato à Presidência da República; [...]. (Idem)

---

linguagem utilizada, referência também por seu pioneirismo dentro da cidade de Parnaíba, pela maneira como exaltava a beleza dos sentimentos humanos através das poesias nele



Nessa tentativa de aplacar um jornal que conseguisse manter uma certa regularidade, alguns jovens parnaibanos acabaram conseguindo não só alcançar este êxito, como também realizaram um dos jornais, tido como marginal e alternativo, de maior circularidade e consistência: o “Inovação”.

O jornal Inovação foi, sem sombra de dúvida, o mais consistente e mais duradouro jornal alternativo a circular em terra piauiense, pois o seu primeiro número foi lançado em dezembro de 1977 e o último, em janeiro/fevereiro de 1992, numa edição especial e extemporânea, que foi na verdade o seu canto de cisne. (CARVALHO, 2001: 223)

A citação acima é um depoimento sobre o Inovação que acabou sendo publicado no livro “A Poesia Parnaibana” (2001), organizada pelo poeta Adrião Neto. Este depoimento foi feito pelo Elmar Carvalho, nascido em Campo Maior, poeta, juiz de Direito e colaborador de diversos jornais, entre eles os já citados *O Linguinha*, *Abertura e Querela*. Este depoimento apaixonado não deixa de ser verdadeiro, pois este foi realmente um jornal que mereceu bastante destaque em Parnaíba e fora dela durante as décadas de sua existência.

Em dezembro de 1977 foi entregue ao público de Parnaíba o primeiro número do jornal INOVAÇÃO, fundado por Reginaldo Ferreira Costa e Francisco José Ribeiro. Embora a edição de estréia não explicitasse os propósitos, destinava-se o jornal, desde a origem, a ser um veículo de comunicação de massa moderno, preocupado em questionar a nossa problemática social, política, econômica e cultural. (CANDEIRA FILHO, 2001: 209)

Reginaldo Ferreira Costa e Francisco José Ribeiro (conhecido como Franzé) faziam parte da juventude parnaibana que almejava mudanças/transformações nos setores sociais, políticos e culturais de Parnaíba, quer dizer, não só desta cidade como também de todos os lugares do Brasil. Esta vontade de modificar a realidade vivida durante os anos setenta era compartilhada por uma pequena parcela da juventude que a viveu, prova disso são os jornais de mesmo interesse e mesma linguagem, que surgiram neste período em boa parte do território brasileiro; podemos citar pelo menos dois que foram precursores e que acabaram virando referências para os demais: O Pasquim e o Opinião (já brevemente citados no capítulo anterior).

O Inovação foi um jornal idealizado por jovens que queriam torná-lo um instrumento que levasse à população parnaibana: literatura e informação (das mais variadas possíveis), ou seja, que fosse um jornal de cunho cultural, mas também opinativo.

[...], o jornal fazia reivindicações, críticas e apontava soluções. Tinha uma preocupação com os problemas sociais da cidade, principalmente das comunidades mais carentes. Demonstrava sintonia com o que se passava na aldeia global, ainda sem o rótulo globalizado da atual e famigerada “globalização”. Apresentava matérias literárias e culturais, além de se preocupar com a educação no município. Tudo isso seria uma constante, até o seu número final.

[...] era um jornal informativo e de opinião, mas sempre combativo. Além das matérias “sérias” – reportagens e artigos – o alternativo também estampava excelentes matérias literárias, que marcaram época, no campo da poesia, da crônica e do conto. (CARVALHO, 2001: 225-226)

De maneira geral, o Inovação desenvolveu campanhas de mobilização popular, entre as quais se destaca a imensa luta pela reconstrução da Praça da Graça – que foi destruída durante o governo do prefeito Batista Silva o qual trataremos com maior propriedade no terceiro capítulo desta monografia – o qual foi citado como responsável pela queima dos tapumes que escondiam seus escombros.

Promoveu e divulgou pesquisas sócio-econômicas em vários bairros da periferia de Parnaíba. manteve, aberta ao público, durante quase uma década, uma biblioteca de assuntos variados, sendo que várias de suas publicações eram direcionadas para Parnaíba, pois o interesse maior dos que compunham o jornal era o enriquecimento da cultura parnaibana. Foi um jornal que começou a ser publicado se utilizando do mimeógrafo e posteriormente evoluiu, sendo pioneiro no uso do sistema de impressão off-set em Parnaíba.

Em uma entrevista concedida a Rádio Educadora da cidade de Parnaíba, um dos fundadores do jornal, Reginaldo Costa faz um discurso esclarecendo quais eram as reais intenções e os objetivos dos integrantes quando pensaram em fundar o Inovação. Ao qual ele diz:

Num plano mais amplo, direcionamos nossos olhos para o povo, para os marginalizados que vegetam na periferia da cidade, apesar de pagarem impostos de toda natureza. A visão dessa situação nos estimulou a editar um jornal mimeografado, desvinculado de qualquer força que viesse a nos amordaçar.<sup>9</sup>

Observando melhor o discurso proferido pelo Reginaldo Costa podemos notar a sua preocupação com o social, ou seja, estavam preocupados com as questões consideradas macro (educação, política, saúde etc.), bem diferente das preocupações dos jovens teresinenses do começo da década de 1970 quando fundavam jornais (O Grama, por exemplo) para contestar

<sup>9</sup> Entrevista inserida no artigo intitulado “O Produto Cultural Alternativo dos Anos 70 em Parnaíba” produzido pelo Alcenor Candeira Filho, p. 210.

alguns problemas do campo do micro (comportamento, vestimenta, forma e penteados de cabelos, músicas etc.). Parecia que a “Geração Torquato Neto”<sup>10</sup> pouco estava influenciando os fundadores do jornal Inovação.

Ainda sobre este Jornal podemos afirmar que um dos seus grandes feitos foi ter conseguido reunir, durante o tempo de sua existência, em sua formação, vários intelectuais da cidade de Parnaíba, dentre eles podemos destacar Canindé Correia, Vicente de Paula, Airton Menezes, Elmar Carvalho, Ana Alice, Ednólia Fontenele, Sólina Genuína dos Santos, Paulo Couto, Israel Correia, Bernardo Silva, Danilo Melo, Jonas Carvalho, Francisco Fontenele de Carvalho, entre outros.

A preocupação por parte dos que faziam o Inovação fez com que criassem uma entidade que teria como tarefa principal manter a constante atividade do jornal, para isso foi fundado em janeiro de 1978, quase ao mesmo tempo que o nascimento do periódico, o Movimento Social e Cultural Inovação.

Este Movimento tinha por finalidade principal “desenvolver no seio da juventude o espírito da solidariedade humana e social, através de programas e iniciativas que visem ao desenvolvimento cultural, ao aperfeiçoamento dos meios de comunicação de jornais, [...]” (CANDEIRA FILHO, 2001: 210). Estes objetivos procuravam, na realidade, o desenvolvimento tanto social como econômico da cidade de Parnaíba, bem como também desenvolver uma melhor integração do homem dentro de sua própria sociedade.

O MOVIMENTO SOCIAL E CULTURAL INOVAÇÃO foi oficializado no dia 15 de janeiro de 1978, ocasião em que importantes figuras da MDB piauiense se fizeram presentes: o prefeito João Batista Ferreira da Silva (que, por sinal, pouco tempo depois, viria a ser um dos políticos mais criticados pelo jornal); o Vice-Prefeito Roberto Broder; o ex-prefeito José Alexandre Caldas Rodrigues; o deputado federal Celso Barros Coelho; o presidente regional do MDB, João Mendes Nepomuceno, o presidente da ACEP Francisco José Martins Jurity; o poeta Elmar Carvalho; os vereadores Reinado Santos e Onofre Seixas, e os jornalistas Reginaldo Costa e Francisco José Ribeiro. (Idem)

Os integrantes do Inovação mantinham estreitas relações com algumas lideranças do MDB – único partido a “figurar oposição” ao ARENA, partido liderado pelos militares – porém, não tinham vinculações ideológicas com essa agremiação partidária, pelo menos é o que afirma Alcenor Candeira Filho em seu artigo intitulado “O Produto Cultural Alternativo dos Anos 70 em Parnaíba”. A coragem das pessoas que realizaram o Inovação era realmente

<sup>10</sup> Para uma leitura mais aprofundada do conceito “geração Torquato Neto” ver: CASTELO BRANCO, Edwar de Alencar. Todos os dias de paupéria: Torquato Neto e a invenção da tropicalia. São Paulo: Annablume. 2005a.

grande, posto que um dos incentivadores do mesmo foi alvo de intensas e “violentas” críticas, que foi o caso do prefeito da cidade de Parnaíba: Batista Silva. Já nos primeiros anos de sua existência, este jornal denunciava as mazelas e falcatruas administrativas, a falta de apreço e o descaso público por alguns logradouros da cidade, mas também divulgavam a poesia, a música, e o teatro da terra, todas as belezas encontradas nesta cidade. O difícil era escapar aos olhos do Inovação.

O jornal foi realmente pioneiro e inovador em várias posturas. Não foi um órgão meramente informativo e laudatório, mas formador de opinião, cultural e denunciador das arbitrariedades, desvios, desmandos e falcatruas administrativas, tanto em nível local, como estadual e federal. (CARVALHO, 2001: 228)

Justamente por fazer algumas denúncias que atingiam grandes personalidades de Parnaíba, o periódico foi tachado de maldito. Elmar Carvalho, ao ser entrevistado pelo Jornal da Manhã de 28 de agosto de 1983, fez declarações que acabaram demonstrando como era visto o Inovação, por algumas pessoas, até mesmo pela sua ousadia e coragem com que escreviam suas matérias.

ÍNOVAÇÃO é, atualmente para algumas pessoas de Parnaíba, um jornal maldito. E incômodo, muito incômodo. Mas vale ressaltar que não obstante isso, ou exatamente por isso, é mais vendável e discutido que a grande imprensa de Parnaíba. Creio que em virtude de sua independência, de sua coerência para com a verdade, e de sua não omissão diante de fatos injustos e nocivos à comunidade. (CANDEIRA FILHO: 211)

Interessante observarmos que o Inovação não se tratava de uma entidade com vida própria, existiam pessoas por trás dele, pessoas estas que davam “cara e voz” a este jornal, e estes eram em sua grande maioria jovens estudantes com muita coragem de dizerem o que pensavam. A juventude dos anos 1970, principalmente a do final desta década, parecia mesmo não mais ter medo de expor suas opiniões, de denunciar e criticar abertamente o que achassem que estava acontecendo de errado dentro da sociedade, principalmente quando o assunto estava ligado à política.

Essa consciência e visão de mundo que tinham os integrantes do Inovação poderia também estar ligado no fato do aparecimento, na década de 1970, das universidades no Estado do Piauí, como é o caso da Universidade Federal do Piauí. Pois como vimos no primeiro capítulo, as universidades começaram a proporcionar ao povo piauiense novas formas de ver e pensar o mundo, proporcionaram novas leituras, o contato com novos livros, novas ideias,

enfim, uma serie de fatores que beneficiariam de alguma forma pequena parcela da sociedade deste Estado.

Foi na década de 70 que se expandiu e se consolidou o ensino superior em Parnaíba, com a implantação (1969) do Curso de Administração de Empresas, [...], seguido, [...], de dois outros cursos implantados na década em alusão e ministrados também no Campus Ministro Reis Veloso, da Fundação Universidade Federal do Piauí: Ciências Contábeis e Economia. *A implantação de ensino universitário em nosso meio possibilitou uma difusão maior de ideias novas* [grifo meu], contribuindo para o enriquecimento cultural do ambiente e para o alargamento da visão do homem parnaibano, estabelecendo um clima intelectual favorável à estimulação das manifestações artísticas. (Idem: 219)

Esta citação é retirada de um artigo produzido por um dos simpatizantes e colaboradores do jornal Inovação, Alcenor Candeira Filho, um dos jovens que sofreu influência da própria universidade, e é atualmente considerado um dos grandes intelectuais de Parnaíba. Além de influenciar o pensamento das pessoas que faziam parte de jornais (a exemplo dos que participavam do Inovação), a universidade também acabaria por influenciar os poetas parnaibanos. Mais adiante, como o mesmo atesta: “nomes expressivos dessa literatura marginal tiveram vinculações com o Campus Ministro Reis Veloso, seja como discente, seja como docente” (Ibidem).

Aliás, este é um dos pontos fortes de uma pequena parcela da juventude parnaibana da década de 1970: a poesia. Esta se fez muito presente nos jornais e tinham um papel fundamental nos mesmos. A poesia parnaibana deste período é muito rica e também é excelente repositório de informações sobre esta juventude e suas angústias. Elas são o termômetro das alegrias e tristezas, das realizações e frustrações de uma parcela considerável da juventude desta cidade. A compreensão da realidade traduzida em poesia desse período é espantosa. Como é o caso da poesia produzida pelo professor Alcenor Candeira Filho intitulada *Carga*.

Carrego uma carteira de identidade  
e mais outra de motorista  
um título de eleitor  
um certificado de reservista  
um cartão de CPF  
uma certidão de nascimento  
e outra de casamento  
um diploma de bacharel

um seguro de vida  
 (em todos eles ALCENOR RODRIGUES CANDEIRA FILHO)  
 carrego uma calça  
 (uns trocados no bolso)  
 uma camisa  
 uma cueca  
 um sapato  
 muitas chaves  
 um automóvel  
 e um relógio  
 – e mais o peso abstrato da existência.  
 (CARGA, Alcenor Candeira Filho)

Esta poesia é muito ilustrativa da percepção que o autor tinha da constante tentativa do Estado em capturar as formas de ser, pensar e agir dos sujeitos sociais. Podemos perceber claramente, na poesia *Carga*, as estratégias<sup>11</sup> utilizadas pelas instituições para prender os sujeitos a um sistema social onde quem não tivesse sua carteira de identidade, CPF, certificado de reservista ficaria de fora da “normalidade” social, sendo por isso um “corpo estranho” dentro da sociedade.

Podemos também notar, nesta poesia, um autor já capturado por esse sistema, um sujeito que é “legalizado” frente as normas exigidas, um sujeito capturado pelo consumismo (carrego um automóvel, relógio, calça, camisa), um sujeito cansado de carregar a sua própria história (carrego o peso abstrato da existência).

Diferente da poesia produzida tempos atrás, a poesia parnaibana da década de 1970, vai romper com o tradicionalismo da qual era acometida anteriormente. A vontade de modificar, de transformar, de dar outro formato à poesia que predominava antes do período estudado, talvez fosse fruto de toda essa transformação que se operava durante os anos 1970, talvez fosse desejo mesmo, por parte daquela juventude, de não se prender a versos neoclássicos, parnasianos, românticos os quais eram “escravos” de regras acadêmicas de metrificação, talvez fosse somente a rebeldia juvenil, o certo é que mudanças se processavam no campo da estrutura poética produzida em Parnaíba.

Segundo Alcenor Candeira Filho, “A moderna poesia parnaibana surgiu somente em 1968, com a publicação do importante livro de Renato C. Branco intitulado CANDANGO, GAGARIN, BLAIBERG E OUTROS POEMAS, recebido pela crítica como obra “modernista no sentido exato do termo” (2001: 192).

<sup>11</sup> Entendendo “estratégia” tal qual o conceito conferido por Michel de Certeau a esta palavra. Para uma melhor compreensão sobre este conceito ver: CERTEAU, Michel de. **A invenção do Cotidiano**: 9 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

A poesia da década de 1970, também foi rotulada de “marginal” devido não encontrar espaço em meio a livrarias e editoras, portanto, ficava de fora dos grandes centros comerciais. Porém, seus realizadores acabavam encontrando outros meios que viessem a levar suas poesias para o conhecimento do público leitor. Assim, elas eram publicadas em “[..] folhetos mimeografados, posters, cartazes, cartões-postais etc. O poeta (poeta editor, poeta mercador, poeta camelô) leva seu produto às ruas, à praia, aos bares, aos estádios, ao cinema”. (idem: 215)

A poesia acabava se tornando a válvula de escape para muito dos cidadãos que queriam extravasar e colocar pra fora todas as suas angústias, suas impressões sobre o mundo etc. e por conta disso, essa poesia era realizada como bem entendessem, sem seguir metrificações ou coisas do gênero. Talvez por isso, esta poesia “marginal” parnaibana da década de 1970 possuísse uma linguagem mais livre, direta, irreverente, agressiva, contestatória.

A poesia deste período estava mais preocupada com os problemas sociais, exatamente por isso não foi capturada pelo “sistema”; era rebelde, denunciadora das mazelas sociais, como que quisessem apontar um problema na tentativa de abrir os “olhos” da sociedade, para que a mesma procurasse encontrar meios para resolvê-los, isto pode ser observado quando tanto a poesia “marginal” quanto o jornal Inovação se “uniram” para criticar um dos projetos administrativos mais contestados da cidade de Parnaíba: a reforma da Praça da Graça; O qual será melhor analisado no terceiro capítulo.

**3. ESCRITA E CONTESTAÇÃO:** a ação do jornal Inovação contra a reforma da Praça da Graça.

Tábua após tábua,  
fica desnuda a praça  
impunemente violada.  
Surge, enfim, toda a desgraça  
de uma praça arruinada,  
que pedra por pedra  
fora desfigurada.  
Em seu solo sofrido  
apenas carrapicho medra,  
em sinal de protesto  
pelo tristíssimo gesto  
que lhe deixou em ruína.  
numa fúria, ao mesmo tempo  
diabólica e divina, o povo cheio de uma  
dor bem sentida e tristonha  
destrói o “Muro da Vergonha”  
[...].

(Balada da Praça da Graça, Elmar Carvalho)<sup>12</sup>

Poema de Elmar Carvalho, um dos jovens que participavam do jornal Inovação, a “Balada da Praça da Graça” trata de um dos acontecimentos que marcaram a cidade de Parnaíba no final da década de 1970: a destruição e queima dos tapumes que encobriam a destruída Praça da Graça. Este evento, podemos afirmar, foi uma das maiores manifestações populares ocorridas em Parnaíba durante a década citada.

No período exposto, Parnaíba “assistia” a uma série de transformações, tais como: a implantação da Universidade Federal do Piauí; elevação da cidade de Parnaíba a 3º pólo turístico do Brasil<sup>13</sup>; reforma de alguns logradouros da cidade, entre eles a Praça da Graça, dentre outras.

<sup>12</sup> Poema extraído de uma coletânea de poesias intitulado “*Poemágico*”, lançado no livro *A Nova Alquimia*, 1985.

<sup>13</sup> Sobre maiores informações da elevação da cidade de Parnaíba como 3º pólo turístico do Brasil, ver: INOVAÇÃO. Jornal do Movimento Social e Cultural Inovação. Parnaíba, 1977-1980.



E uma dessas transformações, a reforma da Praça da Graça, de certa forma, acabaria gerando um atrito entre os representantes do governo parnaibano e uma pequena parcela da juventude desta cidade, mais precisamente àquela ligada ao jornal *Inovação*, tido como um periódico inserido dentro da imprensa denominada/classificada de “nanica”<sup>14</sup>.

A população parnaibana tinha na Praça da Graça o seu local de encontros e acontecimentos mais festejados, era, portanto, um dos lugares mais praticados pelos cidadãos. “O espaço é um cruzamento de móveis. É de certo modo animado pelo conjunto dos movimentos que aí se desdobram. [...] Diversamente do lugar, não tem portanto nem a univocidade nem a estabilidade de um ‘próprio’”(CERTEAU, 1994: 202).

A Praça da Graça, naquela época, era um espaço privilegiado devido estar no centro dos principais locais de encontro da sociedade parnaibana como é o caso das Igrejas Nossa Senhora da Graça e Rosário, dos cinemas, Fábrica Moraes, Porto das Barcas. Quase toda movimentação da cidade girava em torno desta praça. “Todas as atrações da cidade convergiam para a Praça da Graça: a missa aos domingos na matriz, o Cine Éden, o Riths, o Cassino a AABB, as festas cívicas e populares. Tudo isso não deixou de existir na memória de quem viveu os tempos áureos da Praça da Graça.” (ABREU, 2005: 198-199).

A praça, tida por muitos moradores daquele período como uma das mais belas praças do Piauí, era um dos principais espaços de convivência da cidade de Parnaíba, e como tal deveria, segundo parte considerável dos moradores da cidade, ser preservada, uma vez que a sua construção e importância enquanto logradouro já vinha desde o período de fundação da vila de São João da Parnaíba, portanto, entendo, tal qual Calviño (1999: 16), que “[...] a cidade não conta o seu passado, ela o contém como as linhas da mão, escrito nos ângulos das ruas, [...]”

Além disso, esta Praça fazia parte da memória coletiva e individual dos parnaibanos, um lugar, de certa forma, já cristalizado na lembrança das pessoas que moravam em Parnaíba, ou daquelas que passavam diariamente por aquele logradouro durante o período citado.

*A priori*, a memória parece ser um fenômeno individual, algo relativamente íntimo, próprio da pessoa. Mas Maurice Halbwachs, nos anos 20-30, já havia sublinhado que a memória deve ser entendida também, ou sobretudo, como um fenômeno coletivo e social, ou seja, como um fenômeno construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações, mudanças constantes. (POLLAK, 1992: 2).

<sup>14</sup> Sobre uma melhor compreensão da imprensa “nanica”, ver: ARAUJO, Maria Paula Nascimento. **A utopia Fragmentada: as novas esquerdas no Brasil e no mundo na década de 1970**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000.

Por se tratar de um lugar de memória, a reforma da mesma acabaria significando, para boa parcela dos moradores da cidade, também uma perda da identidade social do lugar<sup>15</sup>. Porém, esta mudança na estrutura física de alguns logradouros de Parnaíba estava atendendo a uma onda modernizadora que atravessava este período. É como afirma Alcides Nascimento, “a cidade é sempre um organismo em transformação, [...]” (NASCIMENTO, 2004: 327). O prefeito da cidade, que na época era Batista Silva, através de um discurso que se dizia modernizador<sup>16</sup>, resolveu então modificar a Praça.

É dentro deste período que tomaremos o jornal Inovação como fonte para tentarmos reconstruir o passado, analisando as ações juvenis que se processavam neste mesmo momento em torno da reforma da Praça da Graça, na cidade de Parnaíba.

*A documentação hemerográfica nos coloca diante de um dos conjuntos documentais de maior interesse hoje na pesquisa da história em todo Ocidente desde o século 18. A imprensa foi a fonte de comunicação pública de maior importância desse século e foi adquirindo relevo cada vez maior à medida em que nos aproximamos da época recente. Para as pesquisas em história política, cultural, social, a imprensa é uma fonte imprescindível. (ARÓSTEGUI, 2006: 522)*

O jornal Inovação, dentro deste contexto, além de se constituir em fonte imprescindível no que diz respeito a reconstrução dos eventos que se processaram em torno da reforma da praça, também terá um papel importantíssimo nas manifestações contrárias a mesma. Por conta disso, este capítulo será mais dedicado a descrever e analisar os acontecimentos que antecedem a derrubada do “Muro da Vergonha” onde o Inovação assumirá uma postura contrária a reforma da mesma.

Em fevereiro do ano de 1978, o jornal Inovação, já lançava a quarta edição deste periódico quando, publicou a seguinte nota: “Existe na Prefeitura Municipal de Parnaíba Projeto de reforma da Praça Nossa Senhora das Graças; só não sabemos quando será concretizado”<sup>17</sup>. Não sabiam eles, mas esta seria a primeira nota sobre um evento que tomaria enormes proporções na cidade de Parnaíba. Neste período, os integrantes do Inovação já teciam críticas à educação parnaibana e a falta de criatividade dos projetos que eram criados na tentativa de melhorar Parnaíba nos seus primeiros números.

<sup>15</sup> Sobre uma melhor compreensão do conceito de identidade, ver: POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. In: Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol 5, nº 10, 1992.

<sup>16</sup> Sobre uma melhor leitura do conceito de modernização, ver: NASCIMENTO, Francisco Alcides. A cidade sob o fogo: modernização e violência policial em Teresina (1937-1945). Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 2002.

<sup>17</sup> INOVAÇÃO, Ano I, nº4, fev. de 1978, p. 10.

Mas nada se compara a crítica lançada ao prefeito desta cidade, João Batista Ferreira da Silva, por conta de seu projeto modernizador envolvendo a Praça da Graça. Aliás, as críticas eram lançadas a qualquer ato do governo que viesse a se configurar em fraude ou coisa parecida, como podemos observar nesta charge publicada em maio de 1978, no jornal Inovação no seu 8º número.



A administração do prefeito Batista Silva cada vez mais era alvo de denúncias por parte do jornal Inovação. A charge acima faz uma crítica aos automóveis adquiridos pela prefeitura que tinham como principal finalidade: servir à saúde pública, ou seja, deveriam ser utilizadas para o transporte de pessoas aos hospitais da cidade, mas que, segundo este periódico, serviam apenas para passeios de alguns funcionários da prefeitura, ou muitas das vezes, passavam a maioria do tempo estacionados na Praça Santo Antônio<sup>18</sup>. Nesta outra charge, o ataque é com relação a uma construção que estava sendo realizada no seio da Praça da Graça.

<sup>18</sup> Para melhor esclarecimento a respeito desta notícia, ver: INOVAÇÃO. Ano I, nº 7, maio-1978.



Nesta edição do jornal Inovação, as críticas ao prefeito vão prosseguindo. Na página seguinte à charge encontramos a nota: “‘Tudo tem seu dia’. O da Praça da Graça chegou. O forno ‘taf’ pra vocês...” (INOVAÇÃO, Ano I, nº 9, 1978). O periódico estava, de certa forma, criando uma imagem negativa do prefeito e de sua administração, e a cada edição, novas “farpas” eram jogadas ao governo de Batista Silva. Na décima primeira edição do Inovação, os integrantes do mesmo passam a relatar todos os passos da reforma da Praça da Graça e já começam a denominar os tapumes que encobriam a destruída praça de “Muro da Vergonha”.

Tudo começou quando o prefeito municipal anunciou e iniciou os trabalhos de “reforma” da Praça da Graça. De início uma grande congruência: destruíram totalmente o coreto sob a alegação de que iriam fazê-lo voltar às origens, conservando tradições. Erigiram no lugar um não sei o quê (objeto não identificado) logo cognominado “forno de assar tijolos”, “pirâmide” e outros adjetivos do gênero.

A Praça da Graça, antigo logradouro público transformou-se em estacionamento de veículos. O motivo dos erros é simples: a planta que deveria ser seguida pelo engenheiro (?) responsável foi mal interpretada graças aos assessores de proveta do senhor prefeito municipal. [...]. (INOVAÇÃO, Ano I, nº 11, 1978)

Nesta edição, o jornal já dedica uma página inteira para falar sobre os erros que aconteceram na reforma da Praça da Graça. O artigo é intitulado “O prefeito de proveta”; o nome da matéria já deixa claro que se tratava de uma crítica endereçada ao Batista Silva, inclusive o jornal denuncia o quanto a prefeitura municipal de Parnaíba estava gastando neste projeto que não estava dando bons resultados.

Iniciado os trabalhos da reforma do logradouro, a demora em concluí-la já causava indignação e impaciência por parte dos jornalistas do Inovação. A saída encontrada pelos mesmos era cada vez mais criticar o governo. Na matéria intitulada “Nasceu ‘o Batistão’”, a ironia é de uma criatividade ímpar.

Parnaíba acaba de ser beneficiada com mais um ponto turístico, graças a ilustres autoridades a quem devemos agradecer.

Quem mora nos edifícios que circundam a ex-Praça da Graça sabe da importância que aquilo representa para o turismo interno, da procura de populares que das sacadas dos edifícios buscam saber o que existe dentro do “muro da vergonha”.

Levados também pela curiosidade fomos averiguar a tão apreciada atração. [...] Não restou absolutamente nada da Praça. Só existe a areia, [...]. Daí alguém teve a ideia genial de arriscar um prognóstico: - “Sabem o que vão construir aqui? Um Estádio. E sabem o nome que irá receber? *O Batistão* [grifo meu], numa justa homenagem ao responsável pela ideia da obra”. Raciocínio mais lógico que este por certo não existe. (INOVAÇÃO, Ano I, nº 12, 1978)

O termo “Batistão” foi utilizado certamente para fazer analogia ao estádio de futebol construído em Teresina, na mesma década, sob a administração do então governador do Piauí Alberto Silva, que por conta disso recebia o nome de “Albertão” em sua homenagem. A reforma da Praça estava realmente dando “pano pra manga” aos escritores do periódico alternativo parnaibano. A repercussão da reforma da Praça já estava transpondo até os “muros da cidade” e já chegava em outros Estados brasileiros. Nesta mesma edição, chegavam cartas de leitores do Inovação do Distrito Federal que dizia: “...gostei bastante desta mais recente edição (lla.) do “Inovação”. Muito boas matérias e principalmente “O muro da Vergonha”. (INOVAÇÃO, Ano I, nº 12, 1978).

Os artigos publicados neste pasquim, já começavam a incomodar os administradores públicos que já lançavam mão, segundo o Inovação, de meios mais rígidos para combatê-los.

Dizem que os “meninos” que não gostam do Inovação ficaram tão zangadinhos com as verdades distas no nosso último número que resolveram “tacar” um processo em cima da gente o que motivou a zanga das crianças foi os artigos “o muro da vergonha” e “o prefeito de proveta”. Acham eles que falar a verdade ao povo é infâmia. Será?! (Idem: 10)

As notas sobre as ameaças de processos dirigidas ao Inovação por parte do prefeito começaram a se apresentar com mais frequência. E em cada matéria que o processo era citado sempre era acompanhado de palavras irônicas imprimidas ao prefeito ou a pessoas ligadas ao mesmo. Nesta mesma edição encontramos outra matéria se referindo ao prefeito como “sua majestade”; “ilustre, intocável, destacada pessoa. O Sr. Prefeito, um dos melhores do Brasil (ou do mundo) [...]”. (Ibidem: 18)

A poesia, que também estava sempre presente nas edições do jornal Inovação, era um poderoso instrumento de comunicação que, em certa medida, transmitia toda sentimentalidade que, talvez, fosse compartilhada por muitos parnaibanos. A poesia também era utilizada para lançar críticas ao Batista Silva. É o que podemos observar neste poema de Tadeu Ayres.

Natal sem praça  
Natal sem graça  
Sem a praça da Graça  
Sem a graça da praça

Batista o precursor  
A Jesus batizou  
Batista preparou  
O caminho do amor  
Mas Batista arrazou  
E a praça acabou

O Batista passa  
E que nos venha a graça  
De rever a praça  
À praça da Graça  
(Poema da Praça, Tadeu Ayres)<sup>19</sup>

Esta poesia é bastante emblemática da falta que a Praça da Graça fazia para este poeta. Uma reação até mesmo esperada, já que esta era palco da maioria das festas que aconteciam na cidade de Parnaíba, principalmente das festas natalinas. Prova disto são as inúmeras matérias (“O Baile continua”; “O Exorcista”; “Pólo Turístico Desonrado”; dentre outras) produzidas no Inovação as quais citam constantemente o desgosto de parcela da população em relação à transferência das festas natalinas para outra praça (no caso, a Praça Santo Antonio).

Outro caso onde podemos perceber a falta que a Praça da Graça fazia a alguns moradores de Parnaíba esta no artigo produzido pela Luciana Abreu, intitulado “A Praça Cheia de Graça”, publicado no livro “Fragmentos Históricos: experiências de pesquisa no Piauí” (2005).

<sup>19</sup> Este poema foi extraído do jornal Inovação, Ano I, nº 13, p 01, dezembro de 1978.

A juventude ligada ao Inovação cobrava direto, às autoridades, a necessidade de se concluir a reforma do logradouro. Por vezes, até orações eram criadas e publicadas no Inovação. Como foi o caso de A. Menezes, que munida de sua criatividade publicou neste periódico uma oração intitulada “Prece”:

Senhor! Livrai a nossa praça de um futuro antro, das ideias deturpadas de quem a destruiu, de quem a cercou e matou o verdor das minúsculas gramas que lá existiam. Não nos deixai passar o Natal em uma praça que sempre esteve alheia ao mesmo. Fazei com que a muralha se destrua por si só, e que a matriz de nossas missas de galo, venha a brilhar como em outrora brilhava em nossas festividades natalícias. [...]. Mas, livrai-nos do roubo, amém!<sup>20</sup>

A situação começava a se agravar mais ainda. Os integrantes do Inovação resolveram fazer uma investigação sobre a verba destinada à reforma da Praça (que segundo eles, se tratava de uma quantia de 1 milhão de cruzeiros) e, começavam a lançar notas de que o dinheiro destinado a mesma estava sendo desviado. Outra ação do periódico foi começar a fazer questionários à população parnaibana. Em algumas perguntas, encontrávamos: “Que acha da administração do Prefeito João Batista Ferreira da Silva?”; “Que acha da Reforma da Praça da Graça?” (INOVAÇÃO, Ano I, nº 14, p 03, 1979).

Num universo de 102 pessoas entrevistadas, quase oitenta por cento das pessoas consultadas responderam que achavam péssima a administração do prefeito e quase o mesmo resultado foi obtido para a questão da reforma da Praça. Longe de pensarmos se tratar de uma verdade absoluta, estes dados servem mais para observarmos como o Inovação se utilizava de algumas estratégias para denegrir a imagem administrativa do prefeito de Parnaíba, ou seja, de alguma forma esta pesquisa iria refletir negativamente sobre as autoridades governamentais desta cidade.

Além das críticas ao prefeito e seu projeto que visava modernizar a Praça da Graça, somava-se agora a elas as críticas ligadas à limpeza pública. Na primeira edição de janeiro de 1979 já poderíamos ler a seguinte frase: “A cidade de Parnaíba é atualmente das mais sujas e mais maltratadas do Norte e Nordeste brasileiros” (idem: 09). Depois desta edição, outras frases também foram sendo elaboradas, como: “Parnaíba é atualmente a cidade mais mal administrada do Brasil” (INOVAÇÃO, Ano II, nº 19, p. 17, 1979). A juventude do Inovação mostrava-se forte nas lutas pela melhoria dos aspectos sociais de Parnaíba.

A questão da Praça, ao que parece, já estava se tornando insuportável para a gestão de Batista Silva de tal maneira que o prefeito começava, segundo o Inovação, a transferir a

<sup>20</sup> Idem: 14

responsabilidade de sua reforma pra o Estado, como podemos observar na matéria intitulada: “Governo Estadual X Prefeitura”.

A briga foi formada: pessoas ligadas ao governo do Estado dizem que o prefeito desviou a verba destinada à reconstrução da Praça da Graça; os súditos do prefeito, e o próprio, afirmam que tal responsabilidade é do governo Estadual, que já recebeu verba federal para isso. O Batista diz inclusive que não destruiu a Praça o que ele sabe não ser verdade. O certo é que ninguém quer assumir e parece que tão cedo teremos nossa praça reconstruída. [...]. (Idem: 19)

Outra estratégia utilizada pelo prefeito municipal, segundo ainda o Inovação, seria o de pagar a imprensa local no sentido de publicarem notícias positivas sobre sua administração, ao que o Inovação lança uma nota (intitulada “Imprensa comprada”), que dizia o seguinte: “Ih, Meu Deus!...Dava nójo ver na imprensa local (Rádio Educadora, Folha e Norte) as defesas que saíram pagas pelo prefeito em termos de Praça da Graça. Imaginem: defendendo logo quem. Que vergonha! [...]” (Ibidem)

Em junho de 1979, a vigésima edição do Inovação estampava em sua capa mais uma ironia contra o prefeito Batista Silva. Nela lemos o seguinte: “O prefeito de Parnaíba curte sua mais nova frustração: arquitetou mil planos para reconstruir a Praça da Graça com dólares americanos da indenização da NASA, caso o Skylab caísse na Praça, como ele previa. Mas o satélite caiu no Índico e o prefeitinho dançou.” (INOVAÇÃO, Ano II, nº 20. p. 01, 1979)

A coragem das pessoas que faziam parte do Inovação era praticamente ímpar em Parnaíba. Estes não tinham medo de publicar as palavras que lhes vinham à mente. Nesta vigésima edição, ainda podemos encontrar duas notas publicadas no sentido de alertar a população para a verba (um milhão) a qual deveria ser investida na reforma da Praça da Graça, uma poesia intitulada de “Reminiscência”, assinada por H.D.A. a qual também trata da destruição da Praça e um artigo intitulado “Tudo bem, mas...” produzido pelo Bernardo Silva. Este é um dos mais significativos, devido o teor de suas “agressões” dirigidas ao prefeito.

Na edição de agosto de 1979 do jornal Inovação só encontramos uma pequena nota referente a Praça da Graça o qual atenta para a promessa não cumprida do Batista Silva que era a de apresentar a mesma reformada quando da comemoração de 135 anos de Parnaíba, no dia 14 de agosto, o que, como podemos observar, não aconteceu.

Porém, aconteceria em agosto, um evento que extrapolaria o universo das palavras; na madrugada do dia 31 de agosto de 1979 algumas pessoas se reuniram em torno da Praça da Graça, derrubariam os tapumes (“Muro da Vergonha”) que tapavam a visão da arruinada



praça e ateariam fogo nos mesmos. Este episódio ficaria conhecido como a “destruição do Muro da Vergonha”.

O Inovação dedicaria em setembro, uma edição especial ao evento acontecido na madrugada do dia 31 de agosto de 1979. E este episódio teria várias versões, com relação aos realizadores do mesmo. Os jovens do jornal Inovação atribuíam a culpa do fato às irresponsabilidades administrativas do prefeito Batista Silva, enquanto que este atribuía a culpa aos integrantes do Inovação. A destruição do “Muro da Vergonha” ainda seria manchete das páginas do jornal “O Dia” de Teresina e de muitos outros veículos de comunicação existentes no Piauí.

O certo é que ninguém seria realmente considerado culpado pelo incidente, mas o que se tornou marcante foi a atuação da juventude ligada ao Inovação, que de forma direta ou indireta manteve firme sua oposição contra o que achavam de errado em Parnaíba: a administração do Batista Silva. As inúmeras notas publicadas no Inovação contra a reforma da Praça da Graça poderiam sim ter contribuído para o movimento deflagrado na madrugada de 31 de agosto de 1979, porém o que vale ressaltar neste trabalho foi a coragem de uma pequena parcela da juventude parnaibana que, certa ou não, teve “peito” para dizer e escrever o que pensavam, seja através de artigos agressivos ou da leveza de belas poesias.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A década de 1970 realmente foi um período muito significativo, no que diz respeito às formas criativas de contestação, sejam elas dirigidas aos militares, ou simplesmente dirigidas contra os padrões comportamentais “exigidos” durante o momento estudado.

Uma prova disso pode ser observada no Estado do Piauí, quando parcela da juventude teresinense se reunia e, munidos de câmeras super-8, usavam de toda sua criatividade para produzir filmes “marginais”, os quais eram utilizados para contestar as formas de captura do social imprimidas pelas autoridades governamentais.

Além dos filmes “marginais”, ainda foram produzidos no Piauí jornais alternativos e poesias “marginais”. Este fenômeno pôde ser observado, em certa medida, graças a chegada, ainda na década de 1970, do “Pasquim” – jornal alternativo de circulação nacional. Provavelmente, este foi o jornal que mais tenha influenciado os periódicos alternativos existentes no Piauí.

Outro fator que, se não influenciou, contribuiu para que houvesse uma mudança de mentalidade de uma pequena parcela da juventude piauiense, foi a implantação da Universidade Federal neste Estado. Agora, além da televisão, do rádio e dos jornais alternativos, já existentes nos lares de alguns piauienses durante este período, a Universidade Federal também passaria a difundir novos valores, novas leituras de mundo e novas formas de percebê-lo.

Parte da efervescência cultural vivida no restante do país também “atingiu” a cidade de Parnaíba, ou seja, também chegaram aqui alguns jornais alternativos e poesias “marginais” que, em certa medida, influenciaram uma pequena parcela da juventude parnaibana a criar poesias e periódicos com as mesmas características. Um dos maiores exemplos foi o Inovação, jornal alternativo formado por jovens de Parnaíba que durante a década de 1970 exerceu um importante papel dentro da sociedade parnaibana, sendo um poderoso veículo de comunicação, denunciando as mazelas e as imprudências administrativas desta cidade.

Concluo afirmando que o estudo a cerca da década de 1970 possibilitou que eu entrasse em contato mais direto com a cultura produzida pela juventude desta época, percebendo a riqueza documental existente neste período. Esta monografia, longe de pretender esgotar o tema, mostrou apenas uma pequena parcela da imensa quantidade de eventos processados durante os incríveis anos setenta.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABREU, Luciana Silva de. A Praça Cheia de Graça. In: NASCIMENTO, Francisco de Assis de Sousa, et al (org.). **Fragmentos Históricos: experiências de pesquisa no Piauí**. Parnaíba, PI: Sieart, 2005.
- ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. **História: a arte de inventar o passado**. Bauru, SP: Edusc, 2007.
- ARAÚJO, Maria Paula Nascimento. **A utopia fragmentada: as novas esquerdas no Brasil e no mundo na década de 1970**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000.
- ARÓSTÉGUI, Júlio. **A pesquisa histórica: teoria e método**. Bauru, SP: EDUSC, 2006.
- CALVINO, Ítalo. **As Cidades Invisíveis**. São Paulo: companhia das Letras, 1999.
- CÂNDEIRA FILHO, Alcenor. O Produto Cultural Alternativo dos Anos 70 em Parnaíba. in: JOSÉ NETO, Adrião et al (org). **A Poesia Parnaibana**. Teresina: FUNDEC/COMEPI, 2001.
- CARVALHO, Elmar. Jornal Inovação: um depoimento. In: JOSÉ NETO, Adrião et al (org). **A Poesia Parnaibana**. Teresina: FUNDEC/COMEPI, 2001.
- CASTELO BRANCO, Edwar de Alencar. **Todos os dias de paupéria: Torquato Neto e a invenção da tropicália**. São Paulo: Annablume, 2005a.
- CAVALCANTE JUNIOR, Idelmar Gomes. **Juventude em movimento: um estudo sobre a constituição do Movimento Estudantil como uma categoria histórica**. UFPI, 2007.
- CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano: 9.ed.** Rio de Janeiro: Vozes, 1994.
- FONTENELLE, Sérgio. **DCE Livre 30 anos**. Teresina: Fundação Quixote, CCOM, 2009.
- INOVAÇÃO**. Jornal do Movimento Social e Cultural Inovação. Parnaíba, 1977-1980.
- LIMA, Frederico Osanan Amorim. **Curto-circuitos na sociedade disciplinar: Super-8 e contestação juvenil em Teresina (1972-1985)**. UFPI, 2006.
- MARQUES, Roberto. Modernos marginais: memória da cidade da cultura na década de 70. In: PINHEIRO, Áurea da Paz; NASCIMENTO, Francisco Alcides do (org). **Cidade: História e Memória**. Teresina: EDUFPI, 2004, p. 406.
- NASCIMENTO, Francisco do. **A cidade sob o fogo: modernização e violência policial em Teresina (1937-1945)**. Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 2002.
- \_\_\_\_\_, Francisco Alcides do; VAINFAS, Ronaldo. **História e Historiografia**. Recife: Bagaço, 2006.

\_\_\_\_\_, Francisco Alcides do; PINHEIRO, Áurea da Paz, (org). **Cidade, História e Memória**: Teresina 150 anos. Teresina: Editora Gráfica da UFPI, 2004.

NETO, Fonseca. **Movimento estudantil no Piauí anos 70**. In: *Cadernos de Teresina*, Teresina: FCMC, nº 18, p. 50-56, 1994.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **O que é Lingüística**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1986.

POLLAK, Michael. **"Memória e Identidade Social"** In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 5, no. 10, 1992.

QUEIROZ, Teresinha de Jesus Mesquita. **Do singular ao plural**. Recife: Edições Bagaço, 2006.